

Villas Boas condena idéia de integração "agressiva"

ESP-27.4.76

Da Sucursal de
CAMPINAS

"Gostaria de fazer uma pergunta aos que defendem a integração do índio neste momento e a qualquer preço: vão integrá-lo em que?" Minutos antes de propor essa questão, o sertanista Orlando Villas Boas, ex-diretor do Parque Nacional do Xingu e, atualmente, assessor especial da Funai, havia proferido uma palestra, na qual expusera a uma platéia de estudantes brancos o problema do índio no Brasil. Durante sua conferência, não apresentou argumentos tão incisivos. Mas, agora, ele fala com firmeza, quase com raiva: "É evidente que essa integração, por circunstâncias de ordem sociológica e geográfica, só poderia acontecer na periferia da sociedade brasileira, entre peões de fazenda, empregados de empreiteiras, seringueiros, garimpeiros, caçadores, castanheiros. Por que, então, essa preocupação insistente em arrancar o índio da sua cultura para transformá-lo num elemento à mercê dos eventos, sem qualquer oportunidade de participar do desenvolvimento do país?"

Aparentemente, a indagação do sertanista não tem endereço certo. Mas, na última semana, depois de uma série de mudanças ocorridas na cúpula do órgão indigenista brasileiro, algumas vozes ergueram-se na defesa de "uma política agressiva de integração" do índio. Entre elas, a do ministro Rangel Reis. E, segundo fontes do Ministério do Interior, a do próprio presidente da República.

"Não podemos acreditar que o chefe da Nação tenha realmente expressado um tal intento, como nova orientação a ser imprimida na política indigenista brasileira — afirma Orlando Villas Boas, agora mais gravemente e com voz pausada. — Somos mais propensos a crer que sua Excelência tenha apenas se referido à acertada atividade assistencial que a nova Funai vem adotando, depois de longos e acurados estudos e de uma plena tomada de consciência do problema indígena. Acharmos mais próxima da verdade esta última interpretação, levando em conta a indiscutível formação humanística do atual dirigente do país. Oxalá as palavras do presidente Geisel não tenham sido clara e inteiramente compreendidas".

Apresentando como argumento "quatro séculos e meio de experiência, registrada na História", Orlando Villas Boas considera que "tal desiderato, além de inoportuno e desumano, é inexequível, principalmente nesta tumultuada e agressiva fase de expansão da sociedade brasileira". Para o sertanista, são tantos os problemas e dúvidas que afligem o chamado "homem civilizado" nesta época, que a implantação de uma política integracionista "agressiva" nada mais significaria que o início de um rápido processo de extinção dos poucos remanescentes indígenas do país.

"Não nos parece justo, nem oportuno, nem urgente, destribalizar o índio para integrá-lo

na sociedade civilizada — diz Villas Boas. — De resto, seria impossível, a curto prazo, substituir traços, padrões e valores das comunidades indígenas, principalmente daquelas que são tidas por primitivas, e nos quais os costumes, técnicas, idéias e concepções do mundo se entrelaçam numa só estrutura, num todo indivisível". Orlando explica que é esse todo que lhes dá um sentido à vida, uma razão de existir. Submetidas a um processo "agressivo" de integração, as comunidades indígenas, coesas e organizadas à sua maneira, passariam a uma triste condição de marginalidade, através da perda gradativa da sua própria identificação.

"O que acabo de dizer não significa que sejamos taxativamente contrários à integração do índio — afirma o sertanista. Significa, isto sim, que a julgamos prematura. Na realidade, os núcleos sertanejos — fazendas, povoados, garimpos, seringais —, ditos civilizados, nos quais se promovera a integração do índio, infelizmente não estão em condições de integrar seja o que for: socialmente e culturalmente, tais núcleos nada significam".

Villas Boas sabe, contudo, que os adeptos incondicionais da tecnologia — os quais ele chama de "homens práticos, que hoje em dia opinam sobre todos os assuntos com suprema autoridade" — consideram muito românticas e até mesmo inconsistentes suas palavras. Então, passa a usar uma linguagem "que lhes é familiar: a dos números". "Para começar — diz ele — lembremos que existem no Brasil 100 mil índios, no máximo. Se desse contingente descontarmos os velhos, as mulheres, as crianças, os inválidos, quantos estariam realmente em condições de participar da batalha do desenvolvimento, Digamos 25 mil. O que isto representa no conjunto da população brasileira, quando sabemos que um número mil vezes maior que esse, constituído de brasileiros não-índios, está aí, sem qualquer oportunidade de participar do desenvolvimento do País".

A face romântica do sertanista desaparece definitivamente mais adiante, quando ele admite que, um dia, os índios "por uma fatalidade histórica" deverão se entrosar mais intimamente com o "mundo dos brancos". Orlando só deseja que essa interação cultural, inevitável no futuro, não seja uma repetição do que ocorreu no passado. "Quando estivermos preparados para recebê-los, eles poderão contribuir de alguma forma para o verdadeiro progresso. Por enquanto, a única medida justa que se poderia tomar em favor das comunidades indígenas seria permitir que continuassem existindo como pequenas unidades autônomas, cada qual trabalhando e vivendo para si mesma, com a assistência e sob a orientação da nova Funai, sem depender dos chamados civilizados, que as ameaçam e os assediam de várias maneiras. Neste momento, estamos frente à última oportunidade que têm as comunidades indígenas de serem salvas de uma desastrosa política que volta a ameaçá-las: é o presente, e não o futuro, que vai traçar o seu destino".